

XVII – Congresso Brasileiro de Paleontologia

“A Paleontologia no Novo Milênio”

De 05 a 09 de agosto de 2001

Boletim de Resumos

Realização
Universidade Federal do Acre

Promoção
Sociedade Brasileira de Paleontologia

Rio Branco - Acre

Universidade Federal do Acre

Reitor

Jonas Pereira de Souza Filho

Vice-Reitora

Carolina Sampaio Barreto

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Alceu Ranzi

Pró-Reitor de Graduação

Mark Clark Assem de Carvalho

Pró-Reitor de Planejamento

Robinson Antônio da Rocha Braga

Pró-Reitor de Administração

Francisco Antonio Saraiva de Farias

Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Maria do Carmo Ferreira da Cunha

Sociedade Brasileira de Paleontologia

Presidente

Ismar de Souza Carvalho-UFRJ

Vice-Presidente

Antônio Carlos S. Fernandes-MN/UFRJ,
UERJ

1ª Secretária

Deusana Maria Machado-UNI-RIO

2ª Secretária

Rita de Cássia T. Cassab-MCTer/DNPM

1º Tesoureiro

Mitsuru Arai-CENPES/PETROBRÁS

2º Tesoureiro

Marise Sardenberg S. Carvalho-CPRM

Diretor de Publicações

Marco Aurelio Vicalvi-UFRJ

Ficha Catalográfica

CONGRESSO BRASILEIRO DE PALEONTOLOGIA, 17, 2001, Rio Branco-AC. *Boletim de Resumos*. Rio Branco: 2001. 203p.

1. Paleontologia. I Congresso. II Sociedade Brasileira de Paleontologia.

CDU 551.791(811.2)

Editoração/Projeto Gráfico

João Silva Lima

Vander M. Nicácio

Impressão e Acabamento

Gráfica Tico-Tico

OPHIOMORPHA NODOSA LUNDGREN E NÍVEL RELATIVO DO MAR NO PLEISTOCENO DO RIO GRANDE DO NORTE

Alcina M.F.Barreto ¹

Kenitiro Suguio ²

José Augusto C. de Almeida ³

Francisco H.R.Bezerra ⁴

Este trabalho descreve a icnoespécie *Ophiomorpha nodosa* Lundgren, 1891, encontrada em rochas sedimentares pleistocênicas na planície costeira entre Zumbi e São Bento do Norte, no estado do Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil, e faz tentativa de seu uso na estimativa da variação do nível relativo do mar. Os afloramentos são compostos de arenitos biotetríticos grossos a muito grossos e localmente quartzosos, com intensa cimentação carbonática (*beach rocks*). Formam falésias com $120\text{ka} \pm 10\text{ka}$, determinada por termoluminescência (TL), sugere que estas rochas são correlacionáveis às do estágio de culminação da *Transgressão Cananeense* (ou *Penúltima Transgressão*), antes reconhecida na brasileira. O material estudado, classificado aqui como *Ophiomorpha nodosa* Lundgren, 1891, (icnoespécie-tipo), corresponde a um conjunto de galerias longas, de diâmetros relativamente uniformes e geralmente verticais, passando a ramificados. As suas paredes internas são relativamente lisas, enquanto que as paredes externas são nodulares, formadas por partículas aglutinadas. Os segmentos verticais medem de 1,0 a 4,0 m de comprimento; os diâmetros são variáveis entre 2,0 a 6,0 cm internamente e entre 2,5 a 8,0 cm externamente. Os segmentos ramificados possuem diâmetros, de 1,0 a 3,0 cm, e dispõem-se paralelos ou oblíquos aos acamamentos. Esses icnofósseis são bem maiores que os análogos anteriormente descritos na literatura brasileira, fato que poderia ser explicado por diferenças dos organismos escavadores e também pelo regime de meso-maré da área de estudo. Os icnofósseis são acompanhados por estruturas hidrodinâmicas, tais como estratificações cruzadas acanaladas e de baixo-ângulo, além de estruturas de fluidificação e de bioturbações menos distintas. O paralelismo e a acentuada verticalidade das galerias refletem ambiente com alta taxa de sedimentação, habitado por organismos capacitados ao escape rápido, que se mantiveram constantemente a profundidades adequadas a vida. Deste modo sugere-se um ambiente deposicional marinho de alta energia e de águas rasas de intermarés a inframaré alto. Se limite superior da zona das galerias corresponde aproximadamente ao nível médio do mar na época de vida dos crustáceos callianassídeos, os quais são atribuídos como os construtores das mesmas e, como o nível médio relativo do mar há cerca de 120ka, em trechos tectonicamente mais estáveis do litoral brasileiro era de 8 ± 2 m acima do atual, pode-se supor que as rochas sedimentares que contém o icnofóssil aqui descrito, podem ter sido submetidas a um soerguimento pós-deposicional superior a 10 m.

¹ Departamento de Geologia – CTG/UFPE;

² Instituto de Geociências – USP;

³ Departamento de Geociências – UFPB;

⁴ Departamento de Geologia – CCET/UFRN